

MÓDULO
O PEQUENO PRÍNCIPE

Antoine de Saint-Exupéry

Apresentação “O Pequeno Príncipe”

“Gostaria de ter começado essa história como nos contos de fadas. Gostaria de ter começado assim: Era uma vez um pequeno príncipe que habitava um planeta pouco maior que ele, e que tinha necessidade de um amigo...”

A obra mais conhecida de Antoine de Saint-Exupéry, “O Pequeno Príncipe” começa com a história de um homem que não conseguia expressar o medo que sentia quando era criança. Por não ter sido compreendido, esse menino torna-se um adulto solitário e sem amigos.

A trajetória do Pequeno Príncipe mostra que a realidade de muitas crianças se opõe ao mito da ‘criança feliz’, no qual a infância é romantizada, apresentada como um tempo em que todas as crianças são felizes e sem problemas. Quando, na verdade, muitas crianças se sentem como ele, e sofrem por não saber expressar seus medos. Quando sentimos medo e não somos compreendidos, podemos nos fechar para as relações, e assim, perdemos a possibilidade de viver plenamente, pois é nos encontros e nas experiências reais que a nossa alma nasce e o mistério e a magia da vida se manifestam.

Por não acreditar nas “pessoas grandes”, o menino se torna um adulto solitário e incompreendido. Mas, ao dedicar o livro a um adulto, o aviador mostra que, quando fala das pessoas grandes com hostilidade, não está se referindo a todas elas, mas àquelas que, como ele, esqueceram a criança que existe dentro de si.

“A Léon Werth

Peço perdão às crianças por dedicar este livro a uma pessoa grande. Tenho um bom motivo: essa pessoa grande é o melhor amigo que possuo. Tenho um outro motivo: essa pessoa grande é capaz de compreender todas as coisas, até mesmo os livros de criança. Tenho ainda um terceiro motivo: essa pessoa grande mora na França e ela tem fome e frio. Ela precisa de consolo. Se todos esses motivos não bastam, eu dedico então este livro à criança que essa pessoa grande já foi. Todas as pessoas grandes foram um dia criança – mas poucas se lembram disso. Corrijo, portanto, a dedicatória:

*A Léon Werth
quando criança”*

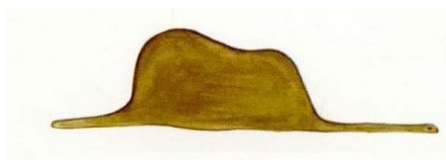
Parte I – Encontro entre o Aviador e o Pequeno Príncipe

No início da história conhecemos a origem do primeiro desenho feito pelo aviador:

Quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, que se chamava “Histórias Vividas”, uma imagem que me impressionou muito. Essa imagem representava uma jiboia engolindo um animal.

No livro, dizia: ‘as jiboias engolem suas presas inteiras, sem mastigar. Em seguida, não podem se mover e dormem durante seis meses fazendo a digestão.’

Pensei muito sobre as aventuras na selva e consegui, com lápis de cor, fazer o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1. Ele era assim:



Assustado com o perigo que a jiboia representava, mostrava sua “obra-prima” às pessoas grandes e lhes perguntava se sentiam medo. Mas, para elas, a ilustração parecia um chapéu, e um chapéu não tem nada assustador. Diante disso, o menino resolveu fazer o desenho número 2 em que o interior da jiboia estava representado, mas mesmo assim ninguém entendeu seu novo desenho, nem seu medo:



As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor.

A falta de comunicação fez com que ele se tornasse um homem arrogante e ressentido. Por não ter sido compreendido, o menino se fechou e viveu por longos anos de sua vida sem interesse pelas pessoas. Desistiu de seguir o que pensava ser uma criativa e “*promissora carreira de pintor*” e seguiu uma profissão mais “técnica” sugerida pelas pessoas grandes.

Tive então que escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei pelo mundo inteiro. E a geografia me ajudou muito. Num só golpe de vista, podia saber se estava na China ou no Arizona. Isso é muito útil se a pessoa se perde a noite.

Manteve-se longe do contato humano. Com seu avião poderia ver todos os lugares, mas sem pertencer de fato em nenhum deles. Ser aviador é uma linda profissão que, como todas as outras, exige dedicação e amor, mas ele ainda não estava pronto para compreen-

der que o problema não estava na sua profissão, mas nele mesmo.

O aviador admite que, ao longo de sua vida, “*teve vários contatos*”, mas nunca um verdadeiro amigo. Depois de adulto, mas ainda se comportando como uma criança que deseja ser adivinhada, o aviador julgava as pessoas superficialmente, não deixando espaço para os encontros genuínos.

Quando encontrava uma pessoa que me parecia um pouco esclarecida, fazia a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era na verdade uma pessoa inteligente. Mas a resposta era sempre a mesma: “É um chapéu”. Então eu não falava nem de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Colocava-me ao seu nível.

Como as pessoas não adivinhavam o medo que ele sentia e não conseguia expressar com seus desenhos, aumentava sua mágoa e seu tom de superioridade, que o distanciava ainda mais dessas pessoas.

Vivi, portanto, só, sem alguém com quem pudesse realmente conversar, até o dia em que uma pane me obrigou a fazer um pouso de emergência no deserto do Saara, há cerca de seis anos. Alguma coisa se quebrara no motor. E como não trazia comigo nem mecânico, nem passageiros, preparei-me para executar sozinho aquele difícil conserto. Era, para mim, questão de vida ou morte. A água que eu tinha para beber só dava para oito dias.

Na primeira noite, adormeci sobre a areia, a quilômetros e quilômetros de qualquer terra habitada. Estava mais isolado que um naufrago num bote perdido no meio do oceano. Imaginem qual foi minha surpresa quando, ao amanhecer, uma vozinha estranha me acordou.

— Por favor, desenhe para mim um carneiro!

— O quê?

— Desenhe para mim um carneiro...

— Dei um pulo como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei os

olhos. Olhei ao meu redor. Vi um menininho estranho que me fitava com ar grave.

O Pequeno Príncipe era uma figura extraordinária que não parecia alguém perdido no deserto, pois não aparentava ter fome, sede, medo ou fadiga.

Quando enfim conseguir falar, lhe perguntei:

— O que faz aqui?

E ele repetiu, então, calmamente, como se se tratasse de coisa muito séria:

— Por favor, desenhe para mim um carneiro...

Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse, a quilômetros e quilômetros de qualquer região habitada e com a vida em perigo, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas me lembrei então que havia estudado principalmente geografia, história, aritmética e gramática e disse ao rapazinho (com um pouco de mau humor) que não sabia desenhar. Ele me respondeu:

— Não tem importância. Desenhe para mim um carneiro.

O avião refaz o seu desenho número 1, aquele de muitos anos atrás... na esperança de ser finalmente compreendido:

“Como jamais houvesse desenhado um carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que sabia: o da jiboia fechada. E fiquei muito surpreso ao ouvir o menino dizer:

— Não! Não! Eu não quero um elefante numa jiboia. A jiboia é perigosa e o elefante toma muito espaço. Tudo é pequeno onde eu moro. Preciso é de um carneiro. Desenha-me um carneiro.

Eu então desenei um carneiro.

Ele o observou atentamente, e disse:

— Não! Esse já está muito doente. Desenha outro.

Desenei de novo.

Meu amigo sorriu com indulgência:

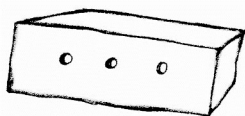
— Bem vêς que isto não é um carneiro. É um bode... olha os chifres...

Fiz mais uma vez o desenho. Mas ele foi recusado como os precedentes:

— Este aí é muito velho. Quero um carneiro que viva muito.

“Então, perdendo a paciência, como tinha pressa de desmontar o motor, rabisquei o desenho abaixo.

E arrisquei:



— Esta é a caixa. O carneiro está dentro.

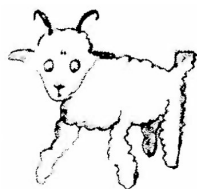
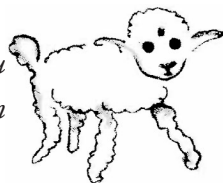
Mas fiquei surpreso ao ver iluminar-se a face do meu pequeno juiz:

— Era assim mesmo que eu queria! Será preciso muito capim para esse carneiro? ”

— Por quê?

— Porque é muito pequeno onde eu moro...

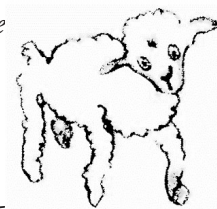
— Qualquer coisa chega. Eu te dei um carneirinho de nada!



Inclinou a cabeça sobre o desenho:

— Não é tão pequeno assim... Olha! Adormeceu...

E foi assim que conheci, um dia, o Pequeno Príncipe.



Onde todos viam um chapéu, o principezinho via uma jiboia, e tinha a coragem e a firmeza de dizer ao aviador que não queria uma jiboia, nem tampouco elefante. Ele sabia exatamente o que queria: um carneiro. No sonho, através de um diálogo com o principezinho, o aviador conseguiu dizer “não” ao seu medo. O desenho da caixa ganha vida na imaginação do principezinho: ali caberia qualquer carneirinho. Nesse momento, surge a ideia de que o essencial é invisível aos olhos. E nesse contato com o principezinho, o aviador começa a recuperar a sua imaginação.

— *Que coisa é aquela ali?*

— *Aquilo não é uma coisa. Aquilo voa. É meu avião.*

Senti-me orgulhoso de lhe dizer que eu voava. Ele então exclamou:

— *Como! Você caiu do céu!?*

— *Caí – disse eu modestamente.*

— *Ah, que coisa engraçada!...*

E o Pequeno Príncipe soltou uma bela risada, que me deixou muito irritado. Gosto que as pessoas levem meus problemas a sério.

O aviador que, até aquele momento, julgava-se superior a todos, começa a perceber, na verdade, que suas críticas às “pessoas grandes” se referiam a si mesmo.

A couraça que evitava qualquer possibilidade de relacionamentos se desfaz nos diálogos com o príncipezinho.

— *De onde vens, meu caro? Onde é a tua casa? Para onde queres levar meu carneiro?*

Esse encontro foi marcante e o aviador quis mantê-lo vivo em sua lembrança, por isso decidiu contar a história.

Já faz seis anos que meu amigo se foi com seu carneiro. Se tento descrevê-lo aqui, é justamente porque não quero esquecê-lo. É triste esquecer um amigo. Nem todo o mundo teve um amigo. E eu corro o risco de ficar como as pessoas grandes, que só se interessam por números. Foi por isso que comprei um estojo de aquarelas e alguns lápis. É difícil voltar a desenhar na minha idade, principalmente quando não se fez outra tentativa além das jiboias fechadas e abertas, aos seis anos! Experimentei, é claro, fazer os retratos mais fiéis que pudesse. Mas não tenho muita certeza de conseguir. Um desenho pode sair bom, mas outro já não sai na mesma proporção. Ora o príncipezinho está muito grande, ora pequeno demais. Hesito também quanto à cor de suas roupas. Vou arriscando, então, aqui e ali. Provavelmente esquecerei certos detalhes importantes. Mas, nesse particular mereço ser perdoado. Meu amigo nunca dava explicações. Talvez

me julgasse igual a ele. Mas eu, infelizmente, não consigo ver o carneiro dentro da caixa. Sou um pouco como os adultos. Já devo estar velho.

O aviador fica sabendo que o Pequeno Príncipe viera de um planeta muito pequeno, não muito maior que ele.

O Pequeno Príncipe fica feliz em saber que os carneiros se alimentam de arbustos, porque poderiam então comer os baobás quando eles ainda fossem pequenos. O aviador não entendia porque isso era tão importante para o príncipezinho, mas após “*um grande esforço*” consegue compreender.

De fato, no planeta do Pequeno Príncipe havia, como em outros planetas, ervas boas e más. Consequentemente, sementes boas, de ervas boas; e sementes más, de ervas más. Mas as sementes são invisíveis. Elas dormem nas entranhas da terra até que uma cisme de despertar. Então ela se espreguiça e lança, timidamente, para o sol, um inofensivo galhinho. Se for de roseira ou rabanete, podemos deixar que cresça à vontade. Mas quando percebemos que se trata de uma planta ruim, é preciso que a arranquemos imediatamente. Ora, havia sementes que para o pequeno planeta do Pequeno Príncipe eram terríveis – as sementes de baobá. Mas o solo do planeta estava infestado delas. E se ninguém percebe que aquilo são baobás, não consegue se livrar deles. Espalham-se por todo o planeta. Penetram-no com suas raízes. E se o planeta for muito pequeno e os baobás muito numerosos, ele vai acabar estourando.

Os baobás são árvores fortes e grandes. Se um baobá cresce, nem mesmo uma manada de elefantes consegue destruí-lo, avisa o aviador. Mas o Pequeno Príncipe sabe como resolver o problema antes que as sementes tomem conta de seu planeta, que é muito pequeno para uma árvore daquele tamanho.

— É uma questão de disciplina – disse mais tarde o príncipezinho. – Quando a gente acaba a higiene matinal, começa a fazer com cuidado a higiene do planeta. É preciso que nos habituemos a arrancar regularmente

os baobás, logo que se diferenciem das roseiras, com as quais muito se parecem quando pequenos. É um trabalho sem graça, mas de fácil execução.

O Pequeno Príncipe mostra a importância de saber discernir o que é bom do que é ruim, e cuidar permanentemente de si e do ambiente que estamos, em busca incessante de manter o equilíbrio. O trabalho de prevenção é primordial para nos protegermos, tanto dos perigos internos, quanto dos perigos externos, que fazem parte da vida.

O aviador, entendendo a importância do trabalho preventivo que o Pequeno Príncipe realiza, faz um grande desenho para alertar as crianças sobre o perigo dos baobás para um planeta tão pequeno.

“Não gosto de assumir o tom de moralista, mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, e tão grandes são os riscos para aquele que um dia se perca num asteroide, que, ao menos uma vez, abro exceção e digo: “Crianças! Cuidado com os baobás!” Foi para advertir meus amigos de um perigo que há tanto tempo os ameaçava, como a mim, e do qual nunca suspeitamos, que tanto caprichei naquele desenho.”

Na convivência com o Pequeno Príncipe, o aviador passa por uma transformação e começa a perceber verdadeiramente o mundo à sua volta e a se interessar verdadeiramente pelas outras pessoas:

Ah, meu príncipezinho, foi assim que, pouco a pouco, compreendi sua pequenina e melancólica vida. Durante muito tempo, não teve, por distração, mais que a doçura de cada pôr do sol. Aprendi este novo detalhe, no quarto dia pela manhã, quando você disse.

— Amo o pôr do sol. Vamos ver o sol se pôr...

No correr dos dias, o aviador vai conhecendo cada vez mais seu amigo. E no quinto dia, ainda conversando sobre o carneiro, descobre algo muito importante sobre a vida no pequeno planeta.



— *Se carneiro come arbustos, come flores também? Perguntou o Pequeno Príncipe.*

— *Carneiro come tudo o que encontra.*

— *Mesmo flores que têm espinhos?*

— *Sim, mesmo essas...*

— *Então para que servem os espinhos?*

Eu não sabia. Estava muito ocupado em desatarraxar um parafuso apertado demais no meu motor. Preocupava-me porque a pane que sofrera começava a se mostrar muito grave, e a água que eu tinha para beber estava acabando, o que me fazia temer o pior.

— *Para que servem os espinhos?*

O pequeno príncipe jamais abria mão de uma pergunta. Eu estava irritado com o parafuso e respondi qualquer coisa:

— *Os espinhos não servem para nada. São pura maldade das flores.*

O principezinho fica chocado ao ouvir essas palavras.

— *Oh!*

E responde em tom de protesto:

— *Não acredito! As flores são fracas. São ingênuas. Elas se protegem como podem. Creem que seus espinhos são armas terríveis.*

— *Não respondi nada. Àquela altura, eu me dizia: ‘Se o parafuso não afrouxar, eu o farei soltar com uma martelada’. O Pequeno Príncipe interrompeu de novo minhas reflexões:*

— *E você acha então que as flores...*

— *Não acho nada! Respondi a primeira coisa que me passou pela cabeça. Estou ocupado com uma coisa séria.*

O principezinho, magoado, faz a acusação mais grave que o aviador poderia ouvir:

Coisa séria! Você fala como os adultos.

Isso me deixou um pouco envergonhado. Mas ele, implacável, acrescentou:

— *Você confunde tudo... mistura tudo!*

Ele estava de fato muito irritado. O vento agitava seus cabelos dourados.

— *Conheço um planeta onde vive um sujeito vermelho, quase roxo. Ele nunca cheirou uma flor. Jamais viu uma estrela. Nunca amou ninguém. Nunca fez outra coisa senão contas. Passa o dia inteiro repetindo, como você: 'Eu sou um homem sério! Eu sou um homem sério!' E isso o enche de orgulho. Mas ele não é um homem, é um cogumelo! "*

O aviador fica muito surpreso ao ouvir aquelas palavras, e pergunta incrédulo:

— *Um o quê?*

— *Um cogumelo!*

O pequeno príncipe estava pálido de cólera.

E continua:

— *Há milhões e milhões de anos que as flores produzem espinhos. Há milhões e milhões de anos que os carneiros as comem, apesar de tudo. E não será importante tentar entender porque elas perdem tanto tempo produzindo espinhos que não servem para nada? Não terá importância a guerra dos carneiros e das flores? Não será isso mais sério e mais importante do que as contas desse senhor vermelho? E se eu, por minha vez, conheço uma flor única no mundo, que não existe em nenhuma outra parte, a não ser no meu planeta, e que um belo dia um carneirinho pode liquidar com uma só mordida, assim, sem se dar conta do que faz, - será que isso não tem importância?!*

Corou um pouco, e continuou em seguida:

— *Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar, em milhões e milhões de estrelas, isso basta para fazê-lo feliz quando ele a contempla. Ele pensa: 'Minha flor está lá, em algum lugar'... Mas se o carneiro come a flor, para ele é como se todas as estrelas repentinamente se apagassem! E isso não teria importância! "*

Nesse momento tanto o príncipezinho quanto o aviador estão irritados. O aviador, preocupado em realizar o conserto do motor, não presta atenção ao que o príncipezinho está dizendo. Ao não ser ouvido, o príncipezinho o chama de cogumelo e mostra toda a sua indignação com as pessoas que só se interessam por si mesmas. Ele confronta o aviador dizendo o que pensa, e chora ao ter que pronunciar palavras tão duras.

Ele não conseguiu dizer mais nada. Explodiu em soluços. A noite caíra. Deixei de lado as ferramentas. De repente, já não tinha importância o martelo, o parafuso, a sede e a morte. Havia numa estrela, num planeta, o meu, a Terra, um príncipezinho que precisava de consolo! Tomei-o nos braços. Embalei-o. E lhe dizia: “A flor que você ama não está em perigo... Vou desenhar uma pequena mordaca para o carneiro... Uma armadura para a flor... “Eu...” Eu não sabia o que dizer. Sentia-me tão sem jeito. Não sabia como confortá-lo, como chegar até ele.... É tão misterioso o país das lágrimas!

Ao ver a tristeza do Pequeno Príncipe, causada por sua falta de consideração, o aviador compreende o quanto ele era importante para o príncipezinho, e sente uma vontade imensa de consolá-lo. Nesse instante, a falta de comunicação dá lugar a um entendimento profundo entre os dois.

Depois de acalmar-se, o Pequeno Príncipe conta ao aviador sobre o dia em que conheceu sua rosa. Lembra-se que um dia percebeu um broto diferente dos outros e que, preocupado que fosse uma nova espécie de baobá, decidira acompanhar de perto seu crescimento.

Mas o arbusto logo parou de crescer e nele começou a brotar uma flor. O Pequeno Príncipe, que assistia ao surgimento de um botão enorme, pressentiu que dali nasceria uma aparição miraculosa. Mas a flor não terminava nunca de caprichar na sua beleza, dentro daquela sua verde

morada. Escolhia com muito cuidado as cores. Vestia-se sem pressa, ajeitava as pétalas uma a uma. Não queria apresentar-se, como os cravos, amarrotada. Queria aparecer no pleno esplendor de sua beleza. Ah, sim, ela era muito vaidosa! Sua misteriosa toalete durou dias. E eis que, afinal, certa manhã, justamente ao nascer do sol, ela fez sua aparição.

Ao ver o Pequeno Príncipe, disse, bocejando:

— Ah, acabo de despertar... peço-lhe perdão... ainda estou toda despenteada.

O Pequeno Príncipe mal pôde conter sua admiração:

— Você é muito bonita!

— É verdade – respondeu docemente a flor. – E nasci ao mesmo tempo que o sol...

O Pequeno Príncipe percebeu logo que ela nada tinha de modesta. Mas era tão sedutora!

— Creio que é hora do café da manhã – disse ela, e logo acrescentou:

— Poderia cuidar de mim?

E o Pequeno Príncipe, confuso, foi buscar um regador com água fresca e molhou a rosa.

O aviador ficou sabendo também que o principezinho, preocupado com o bem-estar daquela linda flor, satisfazia todas as suas vontades. E ela, muito vaidosa, não o deixava em paz, estava sempre pedindo algo para chamar atenção. Certo dia, gabando-se de seus espinhos, dissera:

— Que venham os tigres com suas garras!

— Não há tigres no meu planeta – disse o Pequeno Príncipe – e, além disso, os tigres não comem plantas.

— Não sou uma planta – respondeu tranquilamente a flor.

— Perdoe-me.

— Tigres não me metem medo, mas tenho horror a correntes de ar. Teria você, por acaso, um guarda-vento?

O Pequeno Príncipe pensara: “Como assim horror a correntes de ar... Isso não é bom para uma planta? Essa flor é muito complicada”.

— À noite, você me põe sob uma redoma de vidro. Faz muito frio em seu planeta. Não é nada confortável. Lá de onde eu vim...

Mas imediatamente a rosa calara-se, viera em forma de semente. Não poderia ter conhecido outros mundos.

Sem graça por ter sido pega numa mentira tão boba, tossiu duas ou três vezes e, para deixar o pequeno príncipe sem jeito, perguntou:

— E o guarda-vento? E forçou ainda mais a tosse para deixá-lo preocupado, distraíndo assim sua atenção da mentira que acabara de ouvir.

O Pequeno Príncipe, apesar da sinceridade do seu amor, logo começara a duvidar dela. Levava a sério palavras sem importância, e isso o fez sentir-se muito infeliz.

E foi assim que o Pequeno Príncipe havia decidido deixar seu pequeno planeta, mas agora, conversando com o aviador, compreendia o que havia acontecido entre eles e se arrependia de ter sido tão duro no julgamento que fizera de sua rosa.

— Não devia ter lhe dado ouvidos — confiou-me ele um dia. — Não se deve nunca ouvir o que dizem as flores. Basta admirá-las e aspirar seu perfume. A minha perfumava todo o planeta e eu não conseguia desfrutar disso. Aquela história de garras, que me deixou irritado, deveria ter me enternecido.

E completou:

— Não fui capaz de compreender coisa alguma. Deveria tê-la julgado por seus atos e não por suas palavras. Ela me perfumava e me alegrava. Não poderia tê-la abandonado nunca. Deveria ter percebido a ternura que havia por trás de suas tolas espertezas. As flores são tão contraditórias! Mas eu era ainda muito jovem para amá-la.

Antes de partir, “pôs o planeta em ordem”, revolveu seus três vulcões, inclusive o inativo, afinal, “nunca se sabe”; arrancou os

últimos rebentos de baobás e, por fim, despediu-se da flor. Surpreendeu-se com a “ausência de censuras”: esperava que ela o repreendesse, mas isso não aconteceu. Ela compreendera a importância da separação, ambos haviam sido tolos e precisavam conhecer a vida para aprender o verdadeiro significado do amor:

— *Adeus.*

Mas ela não lhe respondeu.

— *Adeus – repetiu ele.*

A flor tossiu. Mas não foi por causa do resfriado.

— *Tenho me comportado como uma tola – disse ela, afinal.*

— *Eu lhe peço perdão. Trate de ser feliz.*

Ele ficou surpreso com a ausência de queixas. Parou meio sem jeito, a redoma nas mãos. Não compreendia aquela delicadeza.

— *É claro que eu amo você - disse-lhe a flor. – Se nunca percebeu foi por culpa minha. Mas não tem nenhuma importância. Você tem sido tão tolo quanto eu. Trate de ser feliz... deixe aí essa redoma. Não preciso mais dela.*

— *Mas e o vento?*

— *Não estou assim tão resfriada... A brisa fresca da noite me fará bem. Sou uma flor.*

— *Mas os bichos...*

— *É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas. Dizem que são tão belas! Do contrário, quem virá visitar-me? Tu estarás longe.... Quanto aos bichos grandes, não tenho medo deles. Eu tenho as minhas garras.*

— *O que ainda está esperando? Isso me dá nos nervos. Decidiu partir, pois então vá logo!*

Pois ela não queria que ele a visse chorar. Era uma flor tão orgulhosa...

No diálogo com o aviador, o príncipezinho reconheceu que não sabia a importância do amor. Lembrando das últimas palavras de sua rosa, sentiu-se muito triste.

A separação foi essencial para que o Pequeno Príncipe, mais tarde, pudesse lembrar com intensidade tudo o que vivera com sua flor. Após a despedida, ele começou sua viagem visitando os asteroides mais próximos “para desta forma ter uma atividade e se instruir”. Essa foi uma viagem de muitos aprendizados. Foram seis os asteroides visitados pelo principezinho e, em cada um, conheceu uma pessoa diferente: o rei, o vaidoso, o bêbado, o empresário, o acendedor de lampiões e o geógrafo. Ao retratar cada um dos habitantes dos planetas que visitara, o principezinho nos mostra uma visão estereotipada do ser humano, pois ele não chegou a conhecer de fato nenhum deles porque para se construir uma amizade é necessário dedicar tempo e se deixar cativar, como mais tarde aprenderia com a raposa.

O REI

Ao iniciar sua viagem, o Pequeno Príncipe estava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330, o primeiro planeta que visitou era habitado por um rei, que contente com a visita do principezinho, disse:

— *Oba! Um súdito – exclamou o rei quando viu o Pequeno Príncipe. E este se perguntou: ‘Como pode me reconhecer se nunca me viu antes?’*

Ele não sabia que, para os reis, o mundo é bem mais simples. Todas as pessoas são súditos deles.

E todo orgulhoso, por finalmente encontrar um súdito, o rei ordenou:

— *Chegue mais perto que quero vê-lo melhor.*

O Pequeno Príncipe olhou em volta, procurando onde se sentar, mas o planeta estava todo coberto pelo magnífico manto de arminho do rei. Ficou, então, de pé, mas como estava cansado, bocejou.

— *É contra a etiqueta bocejar na presença do rei. Eu o proíbo.*

— *Não consigo evitar, fiz uma longa viagem e não dormi...*

— *Então, ordeno-lhe que boceje. Faz anos que não vejo ninguém bocejar. Os bocejos, para mim, são raridades. Vamos! Boceje mais! É uma ordem.*

— *Isso me intimida... agora não consigo mais bocejar - disse o príncipezinho, encabulado.*

— *Hum! Hum! Respondeu o rei. Então eu lhe ordeno a ora bocejar, ora...*

Por sentir-se um monarca absoluto, o rei tinha a preocupação de que sua autoridade fosse sempre respeitada. Mas, como era também muito bondoso, procurava sempre dar ordens razoáveis e possíveis de serem realizadas.

— *Posso me sentar? Perguntou timidamente o Pequeno Príncipe.*

— *Ordeno a você que se sente.*

— *Majestade... - disse ele - peço perdão por vos fazer perguntas...*

— *Ordeno que me faça perguntas.*

— *Majestade, sobre quem reinais vós?*

— *Reino sobre tudo - respondeu o rei, com toda naturalidade.*

— *Sobre tudo? Perguntou o príncipezinho.*

Com um gesto discreto, o rei mostrou seu planeta, os outros planetas, as estrelas.

— *Sobre isso tudo - afirmou o rei.*

Porque ele não era apenas um monarca absoluto, mas também um monarca universal.

— *E as estrelas vos obedecem?*

— *Claro - disse-lhe o rei. - Elas me obedecem prontamente. Não admito indisciplina.*

O Pequeno Príncipe ficou perplexo com o poder que o rei pensava possuir. E, como estava triste e com saudades de seu planeta, resolveu pedir ao rei:

— *Gostaria de ver um pôr-do-sol... Dai-me este prazer. Ordenai ao sol que se ponha...*

— *Se eu ordenasse a um general que voasse de uma flor a outra, como uma borboleta, ou que escrevesse uma tragédia, ou que se transformasse numa gaivota, e ele não me obedecesse, quem de nós estaria errado, ele ou eu?*

— Vós – disse, sem hesitar, o pequeno príncipe.

— *Exato. É preciso exigir de cada um aquilo que cada um pode dar – replicou o rei. – A autoridade se baseia na razão. Se ordenares a teu povo que se lance ao mar, todos se rebelarão. Eu tenho o direito de exigir obediência porque minhas ordens são razoáveis.*

— *E meu pôr-do-sol? Lembrou o Pequeno Príncipe, que nunca esquecia uma pergunta que tivesse feito.*

— *Seu pôr-do-sol, você o terá. Eu vou exigí-lo. Mas esperarei, conforme a ciência do bem governar, que as condições sejam favoráveis.*

— *Quando será isso? Quis saber o Pequeno Príncipe.*

— *Hum, hum! Será... será neste começo de noite, por volta das sete horas e quarenta minutos! E você verá como sou bem obedecido.*

O Pequeno Príncipe, entediado naquele lugar e desapontado com o rei, por não atender ao seu pedido de ver o pôr-do-sol, disse que estava partindo. O monarca, sozinho em seu planeta e ansioso por ter um súdito, propõe ao principezinho que seja seu Ministro da Justiça.

— *Mas não há ninguém para ser julgado! Responde o Pequeno Príncipe.*

— *Nunca se sabe – disse o Rei – Ainda não conheço todo o meu reino. Sou muito idoso, não há aqui espaço para uma carruagem, e andar a pé me cansa muito.*

— *Mas eu já vi – disse o Pequeno Príncipe, inclinando-se para dar uma espiada no outro lado do planeta. – Não há ninguém.*

— Neste caso, tu julgarás a ti mesmo — respondeu-lhe o rei. — É o mais difícil. É bem mais difícil julgar a si mesmo do que julgar os outros. Se consegues fazer um julgamento de ti, és um verdadeiro sábio.

— Mas eu posso julgar-me a mim mesmo em qualquer lugar, replicou o príncipezinho. Para isso, não preciso ficar morando aqui.

— Ah! Disse o rei — Eu tenho quase certeza de que há um velho rato no meu planeta. Eu o escuto de noite. Tu poderás julgar esse rato. Tu o condenarás à morte de vez em quando, e assim a sua vida dependerá da sua justiça. Mas tu o perdoarás cada vez, para economizá-lo. Pois só temos um.

— Eu não gosto de condenar à morte, e acho que vou mesmo embora.

Os argumentos do rei não convenceram o príncipezinho a permanecer em seu planeta, por não fazerem sentido. E, assim, ele prosseguiu em sua viagem.

O VAIDOSO

O segundo planeta visitado pelo príncipezinho era habitado por um vaidoso, que ficou feliz em ver nele um possível admirador, afinal “para os vaidosos, os outros homens são apenas seus admiradores”.

— Oba! Tenho a visita de um admirador!

— Bom dia — disse o Pequeno Príncipe. — Você usa um chapéu engraçado.

— É para saudar as pessoas — respondeu o vaidoso — Com ele cumprimento os que me aplaudem. Infelizmente não passa ninguém por aqui.

— Ah, é? Disse o príncipezinho, que não entendeu nada.

— Bata suas mãos, uma na outra — pediu o vaidoso.

O vaidoso agradeceu, levantando o chapéu.

O Pequeno Príncipe voltou a repetir o gesto que o divertia, mas após cinco minutos cansou-se daquela brincadeira tão sem graça.

— *Não é verdade que tu me admiras muito? Perguntou o vaidoso.*

— *Que quer dizer admirar?*

— *Admirar significa reconhecer que eu sou o homem mais belo, mais rico, mais inteligente e mais bem vestido de todo o planeta.*

— *Mas só há você no seu planeta!*

— *Dá-me esse gosto. Admira mesmo assim!*

— *Eu te admiro, disse o príncipezinho, dando de ombros. Mas como pode isso interessar-te?*

“Os adultos são de fato muito estranhos!”, dizia a si mesmo, durante a viagem.

O BÊBADO

O planeta seguinte era habitado por um beerrão. Essa visita foi muito curta, mas deixou o Pequeno Príncipe profundamente triste.

— *Que está fazendo aqui? Perguntou ele ao beerrão, que estava sentado absolutamente calado diante de uma fileira de garrafas vazias e outra de garrafas cheias.*

— *Eu bebo – respondeu o bêbado com ar lúgubre.*

— *Por que é que bebes? – Perguntou-lhe o príncipezinho.*

— *Para esquecer – respondeu o beerrão.*

— *Esquecer o quê? Indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena.*

— *Esquecer que eu tenho vergonha – confessou o bêbado, baixando a cabeça.*

— *Vergonha de quê? Investigou o príncipezinho, que desejava socorrê-lo.*

— *Vergonha de beber! Concluiu o beerrão, encerrando-se definitivamente no seu silêncio.*

O bêbado confessa ao principezinho que já esqueceu a razão que o levou a beber e, agora, bebe e sente vergonha por isso; o Pequeno Príncipe fica perplexo e triste, ao ver a situação daquele homem. Ele tinha clareza de que bebendo para esquecer, o bêbado não resolveria seus problemas, e que agia daquela forma por encontrar-se preso em um ciclo vicioso do qual não conseguia se livrar.

E o principezinho foi-se embora, perplexo.

“Os adultos são decididamente muito estranhos”, dizia ele a si mesmo, enquanto seguia viagem.

O EMPRESÁRIO

O quarto planeta era o do empresário. Estava sempre tão ocupado que nem sequer ergueu a cabeça quando o Pequeno Príncipe chegou.

— Bom dia — disse-lhe o Pequeno Príncipe. Seu cigarro está apagado.

— Não tenho tempo para acendê-lo. Vinte e seis mais cinco, trinta e um. Uf! Isso dá um total, portanto, de quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um.

— Quinhentos milhões de que?

— Hein? Você continua aí? Quinhentos e um milhões de... já não sei mais.... Eu trabalho demais! Sou um sujeito sério, não perco tempo com futilidades. Dois mais cinco, sete...

— Quinhentos milhões de quê? Repetiu o Pequeno Príncipe, que jamais, em toda sua vida, desistira de uma pergunta que houvesse feito.

O empresário compreendeu que não havia hipótese de ter paz.

— Milhões dessas pequenas coisas que a gente às vezes vê no céu.

— Moscas?

— Nada disso, pequenas coisas que brilham.

— Vaga-lumes?

— *Que nada! Pequenas coisas douradas que fazem sonhar os desocupados. Mas eu sou um homem sério. Não tenho tempo para divagações.*

— *Ah, estrelas!*

— *Isso mesmo. Estrelas.*

— *E o que você faz com quinhentos milhões de estrelas?*

— *O que faço?*

— *É.*

— *Nada. Eu as possuo.*

— *Você possui estrelas?*

— *Sim.*

— *E de que lhe serve possuir estrelas?*

— *Isso me faz rico.*

— *E de que lhe serve ser rico?*

— *Serve para comprar outras estrelas, que alguém tenha encontrado*

— *Como pode a gente possuir as estrelas?*

— *De quem são elas? Respondeu, ameaçador, o empresário.*

— *Eu não sei. De ninguém.*

— *Então são minhas, porque pensei nisso primeiro.*

— *E isso basta?*

— *Sem dúvida. Quando achas um diamante que não é de ninguém, ele é teu. Quando encontra uma ilha que não é de ninguém, ela é tua. Quando tens uma ideia primeiro, tu a registras: ela é tua. E quanto a mim, eu possuo as estrelas, pois ninguém antes de mim teve a ideia de possuí-las.*

— *É verdade – admitiu o príncipezinho. E que fazes tu com elas?*

— *Eu as administro, conto e reconto – disse o empresário. – É difícil. Mas eu sou um homem sério!*

O príncipezinho ainda não estava satisfeito.

— *Eu, se possuo um lenço, posso colocá-lo em torno do pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colher a flor e levá-la comigo. Mas tu não podes colher as estrelas.*

— Não. Mas eu posso colocá-las no banco.

— Que quer dizer isso?

— Quer dizer que eu escrevo numa folha o número das minhas estrelas. Depois tranco o papel a chave numa gaveta.

— Só isso?

— E basta.

— É divertido – pensou o príncipezinho. – É bastante poético. Mas não me parece muito sério.

O príncipezinho tinha, sobre as coisas sérias, ideias muito diversas das ideias das pessoas grandes.

— Eu, disse o Pequeno Príncipe, possuo uma flor que rego todos os dias. Posso três vulcões que revolvo toda semana. Porque revolvo também o que está extinto. A gente nunca sabe. É útil para os meus vulcões, é útil para a minha flor que eu os possua. Mas tu não és útil às suas estrelas.

O empresário abriu a boca, mas não encontrou o que responder, e o príncipezinho se foi...

“As pessoas grandes são mesmo surpreendentes”, dizia para si mesmo o Pequeno Príncipe, enquanto seguia viagem.

O empresário leva seu trabalho muito a sério, porém, apesar de possuir as estrelas, não sabe admirá-las. E, mesmo sentindo-se tão importante, esse homem não consegue convencer o príncipezinho da importância do que faz, e reflete que ele não é útil para suas estrelas, assim como o príncipe é útil para sua flor.

O ACENDEDOR DE LAMPIÕES

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Tinha o tamanho exato para caber um lampião e o acendedor de lampiões. O Pequeno Príncipe não conseguia entender para que serviria, em alguma parte do céu, num planeta sem casas, nem habitantes, um lampião e um acendedor de lampiões. Entretanto, disse a si mesmo:

“Pode ser que este homem seja insensato. No entanto parece menos insensato do que o rei, o vaidoso, o empresário ou o beberrão. Pelo menos seu trabalho tem algum sentido. Quando acende o lampião, é como se fizesse nascer uma estrela a mais, uma flor a mais. Quando apaga o lampião, faz dormir a flor ou a estrela. É uma bela ocupação. E verdadeiramente útil, além de bela”.

Ao descer no planeta, saudou respeitosamente o acendedor.

— Bom dia. Por que apagou o lampião?

— É o regulamento – respondeu o acendedor. – Bom dia.

— O que é o regulamento

— É apagar meu lampião. Boa noite.

E voltou a acendê-lo.

— Mas por que você o acendeu de novo?

— É o regulamento – respondeu o acendedor.

— Não entendi – disse o Pequeno Príncipe.

— Não há nada para entender – retrucou o acendedor. Regulamento é regulamento. Bom dia.

E apagou o lampião.

Antes, o acendedor gostava desse trabalho. Apagava o lampião de manhã, e o acendia à noite. Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir, mas agora, executar essa tarefa era terrível para ele, pois seu planeta girava muito rápido, dando uma volta completa a cada minuto, e não lhe sobrava um segundo de descanso.

— E depois mudou o regulamento?

— O regulamento não mudou – disse o acendedor. — Esse é o meu drama! A cada ano, o planeta gira mais rápido e o regulamento não muda.

Mesmo com a mudança da realidade, o acendedor continua fazendo a mesma coisa e não pensa na possibilidade de mudar o regulamento. Existem pessoas que, como ele, não conseguem criar

novas regras quando necessário. O principezinho vê um sentido no trabalho do acendedor, o que não aconteceu no seu encontro com as outras pessoas que conhecera até agora. E, na tentativa de ajudá-lo, faz sugestões para que o acendedor consiga mudar essa situação, que se tornara um tormento e o deixava infeliz.

— Sabes? Eu sei um modo de descansar quando quiseres...

— Eu sempre quero — disse o acendedor. — Pois a gente pode ser, ao mesmo tempo, fiel e preguiçoso.

E o principezinho prosseguiu:

— Teu planeta é tão pequeno, que podes, com três passos, dar-lhe a volta. Basta andares lentamente, bem lentamente, de modo a ficares sempre no sol. Quando quiseres descansar, caminharás... E o dia durará o tempo que você desejar.

— Isso não adianta muito — disse o acendedor. — O que eu gosto mais na vida é de dormir.

— Então não há remédio, disse o principezinho.

— Não há remédio — disse o acendedor. — Bom dia.

O principezinho pensa:

“Esse homem é o único que não me parece ridículo. Talvez porque seja o único que se ocupa de outra coisa que não ele próprio. Era o único com quem eu poderia ter feito amizade. Mas seu planeta é mesmo pequeno demais. Não há lugar para dois”.

O GEÓGRAFO

O sexto planeta era dez vezes maior. Habitava-o um velho senhor que escrevia livros enormes.

— Vejam só! Um explorador — exclamou ele ao ver o Pequeno Príncipe.

— Que livro grande é esse? Indagou o Pequeno Príncipe. — Qual é sua ocupação?

— *Sou geógrafo – respondeu o homem.*

— *E o que é um geógrafo?*

— *É um estudioso que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos.*

— *Acho muito interessante – disse o Pequeno Príncipe. – Essa é uma ocupação de verdade! – e deu uma olhada no planeta do geógrafo. Nunca vira um planeta tão majestoso.*

— *Esse seu planeta é bem bonito. Ele possui oceanos?*

— *Não sei dizer – respondeu o geógrafo.*

O Pequeno Príncipe perguntou se havia montanhas, cidades, rios ou desertos. Mas o geógrafo nada sabia responder. Ele não conhecia seu próprio planeta, porque nunca abandonava sua escrivaninha; afinal, do seu ponto de vista, este era um trabalho para exploradores.

— *Mas você não é geógrafo?*

— *Sim, mas não sou explorador. Faltam-me exploradores. O geógrafo é importante demais para andar por aí. Mas ele recebe os exploradores. Ele os interroga e toma nota de seus relatos. E se os relatos de alguns deles lhe parecem interessantes, o geógrafo manda investigar acerca da probidade do explorador.*

— *O geógrafo subitamente se calou.*

— *Mas tu vens de longe. Tu deves ser um explorador! Tu vais me descrever o teu planeta!*

E o geógrafo, tendo aberto o seu caderno, apontou o seu lápis. Anotam-se primeiro a lápis as narrações dos exploradores. Espera-se que o explorador tenha fornecido provas, para cobrir à tinta.

— *Então? Interrogou o geógrafo.*

— *Oh! Onde eu moro – disse o príncipezinho – não é interessante: é muito pequeno. Eu tenho três vulcões. Dois vulcões em atividade e um vulcão extinto. A gente nunca sabe...*

— A gente nunca sabe – repetiu o geógrafo.

— Tenho também uma flor.

— Mas nós não registramos as flores – disse o geógrafo.

— Por que não? São tão bonitas!

— Porque as flores são efêmeras.

— Que quer dizer “efêmera”?

— As geografias – disse o geógrafo – são os livros de mais valor. Nunca ficam fora de moda. É muito raro que um monte troque de lugar. É muito raro um oceano esvaziar-se. Nós escrevemos coisas eternas.

— Mas os vulcões extintos podem se reanimar – interrompeu o príncipezinho. – Que quer dizer “efêmera”?

— Que os vulcões estejam extintos ou não, isso dá no mesmo para nós – disse o geógrafo. O que nos interessa é a montanha. Ela não muda.

— Mas que quer dizer “efêmera”? Repetiu o príncipezinho, que nunca, na sua vida, renunciara a uma pergunta que tivesse feito.

— Significa “o que está ameaçado de, em breve, desaparecer”.

— Minha flor está ameaçada de, em breve, desaparecer?

— Certamente.

Minha flor é efêmera – disse o príncipezinho – e não tem mais que quatro espinhos para se defender do mundo. E eu a deixei sozinha em meu planeta!

Essa foi sua primeira reação de arrependimento, mas logo recuperou a coragem:

— Que outro planeta me aconselha a visitar?

— O planeta Terra – respondeu-lhe o geógrafo. Ele tem boa reputação.

E o Pequeno Príncipe seguiu adiante, pensando na sua flor.

A conversa com o geógrafo assusta o príncipezinho porque o faz refletir sobre a efemeridade das coisas, algo que ele nunca havia pensado antes.

A visita aos seis planetas fez o Pequeno Príncipe pensar sobre diferentes assuntos: poder, admiração, esquecimento, ambição, submissão e efemeridade. Finalmente, chegou ao sétimo planeta, a Terra, que não é um planeta qualquer! Contam-se lá cento e onze reis (não esquecendo, é claro, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil negociantes, sete milhões e meio de beberões e trezentos e onze milhões de vaidosos – isto é, cerca de dois bilhões de pessoas grandes. Antes da invenção da eletricidade, era necessário manter para o conjunto dos seus seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil quinhentos e onze acendedores de lampiões.

Visto de certa distância, tudo isso provocava um magnífico efeito. Os movimentos dos acendedores de lampiões eram regulados como os de um balé. Primeiro era a vez dos acendedores da Nova Zelândia e da Austrália, que, depois de acenderem seus lampiões, iam dormir. Então, entravam na dança os acendedores de lampiões da China e da Sibéria, que, em seguida, também sumiam nos bastidores. Era, então, a vez dos acendedores de lampiões da Rússia e das Índias. Depois, os da África e da Europa. Em seguida, os da América do Sul. Depois, os da América do Norte. Era algo grandioso.

O Pequeno Príncipe ficou surpreso ao chegar à Terra, pois não viu ninguém. Ele temia ter errado de planeta, quando percebeu um anel da cor da lua remexer na areia.

— Boa noite – disse o Pequeno Príncipe.

— Boa noite – disse a serpente.

— Em que planeta me encontro? Perguntou o príncipezinho.

— Na Terra – respondeu a serpente –, na África.

— Ah!... E não há ninguém na Terra?

— Aqui é o deserto. Não há ninguém nos desertos. A Terra é grande – disse a serpente.

O principezinho sentou-se numa pedra e ergueu os olhos para o céu:

— Às vezes penso que, se as estrelas brilham é para que cada um possa um dia encontrar a sua. Olhe meu planeta. Ele está bem em cima de nós... Mas como está longe!

— Teu planeta é belo – disse a serpente. – Que vens fazer aqui?

— Tive problemas com uma flor – disse o príncipe.

— Ah! Exclamou a serpente.

E se calaram.

— E as pessoas, onde estão? Perguntou enfim o principezinho. – A gente se sente um pouco só neste deserto.

— A gente se sente só, também estando entre as pessoas – respondeu a serpente.

O principezinho olhou-a longamente.

— Tu és um bichinho engraçado – disse ele – fino como um dedo...

— Mas sou mais poderosa do que o dedo de um rei – disse a serpente.

O principezinho sorriu.

— Tu não és tão poderosa assim... Não tens sequer umas patas... Não podes sequer viajar...

— Eu posso levar-te mais longe que um navio – disse a serpente.

Ela enrolou-se na perninha do príncipe, como se fosse um bracelete de ouro:

— *Aquele que eu toco, eu o devolvo à terra de onde veio, continuou a serpente. Mas tu és puro. Tu vens de uma estrela...*

O principezinho não respondeu.

— *Tenho pena de ti, tão fraco, nessa Terra de granito. Posso ajudar-te um dia, se tiveres muita saudade do teu planeta. Posso...*

— Oh! Eu compreendi muito bem – disse o príncipezinho. — Mas por que falas sempre por enigma?

— Eu os resolvo todos – disse a serpente.

E calaram-se os dois.

O Pequeno Príncipe não sentiu medo de morrer, como sentia o aviador, quando era criança, ao ver uma jiboia engolindo um elefante; O Pequeno Príncipe chega a achá-la um bichinho engraçado e brinca com ela. A serpente se coloca à disposição para ajudá-lo, no dia em que sentir muita saudade de seu planeta e quiser voltar para casa. O Pequeno Príncipe logo percebe que a serpente fala por enigmas, mas entende muito bem o que ela lhe disse. Ele se despede dela e segue sua jornada, atravessa o deserto, mas encontra apenas uma flor de três pétalas. E, então, ele pergunta à flor onde estão as pessoas.

A flor, um dia, vira passar uma caravana.

— As pessoas? Creio que só existem umas seis ou sete. Eu as vi faz alguns anos. Mas não se sabe nunca onde elas se encontram. O vento as leva. Elas não têm raízes, o que é um problema.

O pequeno príncipe despediu-se da flor e, então, escalou uma montanha, diferente dos vulcões de seu planeta, que eram as únicas montanhas que conhecera.

“De uma montanha alta como esta”, disse para si mesmo, “descortinarei de um só golpe todo o planeta e todos os homens”. Mas ele não viu nada além dos picos de rochas mais agudos.

— Bom dia – falou ele por falar.

— Bom dia.... bom dia... bom dia... Respondeu o eco.

— Quem é você? Perguntou ele.

— Quem é você?... Quem é você?... Quem é você?... Respondeu o eco.

— Sejam meus amigos, eu estou sozinho – disse o pequeno príncipe.

— Eu estou sozinho... eu estou sozinho... eu estou sozinho... – respondeu o eco.

“Que planeta mais engraçado!”, pensou o Pequeno Príncipe. “Ele é inteiramente seco, pontudo e salgado. E aos homens falta imaginação. Repetem o que a gente diz. No meu planeta, eu tinha uma flor: era sempre ela quem falava primeiro.

Mas aconteceu que ele, depois de muito caminhar pelas areias, pelas rochas e pela neve, descobriu afinal um caminho. E todos os caminhos levam aos homens.

— Bom dia – disse ele.

Estava em um jardim cheio de rosas.

— Bom dia – disseram as rosas.

O Pequeno Príncipe as observou. Elas se assemelhavam em tudo à sua flor.

— Quem são vocês? Indagou, surpreso.

— Somos rosas – responderam.

— Ah! Exclamou o Pequeno Príncipe.

E sentiu-se muito infeliz. Sua flor lhe havia dito que era a única de sua espécie em todo o universo. E eis ali cinco mil outras, iguaizinhas a ela, num único jardim!

“Ela ficaria muito envergonhada”, pensou ele, “se visse isto... Começaria a tossir exageradamente e fingiria estar morrendo para escapar do ridículo. E eu seria obrigado a fingir que a socorria, porque, do contrário, só para me humilhar, ela seria capaz de morrer de verdade...”

O principezinho sentia-se especial pensando que sua flor era única, e ao ver tantas outras iguais a sua, decepcionou-se profundamente. Sofreu muito e sua tristeza foi tão intensa, que naquele momento, chegou a perder as esperanças e achar que o vulcão extinto, que ele sempre revolia por acreditar que poderia voltar à atividade, nunca mais despertaria.

“Eu me julgava rico por ter uma flor única, e possuo apenas uma rosa comum. Uma rosa e três vulcões que não passam do meu joelho, estando

um, talvez extinto para sempre. Isso não faz de mim um príncipe muito importante...”

E, deitado na relva, ele chorou.

Parte II – O encontro com a raposa

Depois de sua longa jornada por diversos planetas, sem ter encontrado alguém com quem pudesse fazer amizade, começa a pensar que talvez não fosse tão importante como julgava ser. Sentindo-se muito triste e solitário, após descobrir que sua rosa vermelha era igual a tantas outras rosas, pensava: *“Não sou um príncipe tão grande”*. O Pequeno Príncipe deita-se na relva e chora, e é nesse momento que surge alguém que lhe ensinaria as duas lições mais importantes que aprenderia em sua vida.

— Bom dia – disse a raposa.

— Bom dia – respondeu polidamente o principezinho, que se voltou, mas não viu nada.

— Eu estou aqui – disse a voz, debaixo da macieira.

— Quem és tu? Perguntou o principezinho. – Tu és bem bonita.

— Sou uma raposa – disse a raposa.

— Vem brincar comigo – propôs o principezinho. – Estou muito triste.

— Não posso brincar contigo – respondeu a raposa. – Ninguém me cativou ainda.

— Ah! Desculpe – disse o principezinho.

E após refletir, perguntou:

— O que significa ‘cativar’?

— Tu não és daqui. Disse a raposa. — O que andas procurando?

— Eu procuro as pessoas – disse o pequeno príncipe. — Mas o que quer dizer ‘cativar’?

— *As pessoas – disse a raposa – possuem espingardas e caçam. É assustador! Criam galinhas também. É tudo o que lhes interessa. Tu andas a procura de galinhas?*

— *Não – respondeu o príncipezinho. – Ando a procura de amigos. Mas o que quer dizer ‘cativar’?*

— *É uma coisa muito esquecida – disse a raposa. – Significa ‘criar laços’.*

— *Criar laços?*

— *Exatamente – disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo.*

— *Estou começando a entender – disse o príncipezinho. – Existe uma flor... creio que ela me cativou.*

— *É possível – disse a raposa –, vê-se tanta coisa na Terra.*

— *Não! Não foi na Terra – disse o Pequeno Príncipe.*

A raposa pareceu intrigada.

— *Em outro planeta?*

— *Sim.*

— *Há caçadores nesse planeta?*

— *Não.*

— *Isso é bom! E há galinhas?*

— *Também não.*

— *Bem, nada é perfeito – suspirou a raposa.*

A raposa percebe que o Pequeno Príncipe viera de outro planeta e não sabia o que significava cativar. E ela pacientemente começa a explicar o que era cativar e como se dava aquele processo, desconhecido e incompreensível para o príncipezinho.

— *Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem também. E por isso eu me aborreço um pouco. Mas se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei o barulho de passos, que será diferente de todos os outros. Esses outros passos me fazem esconder num buraco. Os teus me chamarão para fora, como se fosse música. E depois, olhe! Estás vendo, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste! Mas tu tens cabelos cor de ouro. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo, que é dourado, me fará lembrar de ti. E amarei o barulho do vento nos campos de trigo...*

A raposa sabe que a vida deixa de ser monótona e se torna maravilhosa quando aprendemos a cativar e que quando conhecemos uma pessoa e confiamos nela, perdemos o medo e saímos do nosso esconderijo e nos sentimos à vontade para sermos quem somos.

A raposa se calou e olhou demoradamente para o Pequeno Príncipe.

— *Por favor... cativa-me! Pediu ela.*

— *Eu bem que gostaria – disse o príncipezinho – mas não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer.*

A raposa pede para o Pequeno Príncipe que a cative, pois ninguém ainda a havia cativado. Mas o príncipezinho, que ainda não compreendera completamente o sentido daquele processo, responde que não poderia cativá-la, estava com pressa e precisava fazer amigos. No entanto, para ter esses amigos, ele precisaria fazer justamente o que a raposa lhe aconselhava: aprender a criar laços, afinal, só conhecemos bem aquilo que cativamos. E para criar vínculos precisamos de tempo, pois é o tempo que dedicamos às pessoas e às coisas que as tornam especiais. Como dizia Proust, em sua obra *Em Busca do Tempo Perdido*: “*E iremos amá-la durante muito mais tempo que as outras, pois teremos levado muito mais tempo até amar.*”

A raposa insiste:

— *A gente só conhece bem as coisas que cativou. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo pronto nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se desejas um amigo, cativa-me!*

— *Que é preciso fazer? Perguntou o Pequeno Príncipe.*

— *É preciso ser paciente – respondeu a raposa. — Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas cada dia te sentarás mais perto...*

No dia seguinte, o príncipezinho voltou.

— *Teria sido melhor voltares à mesma hora – disse a raposa. — Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais perto da hora, mais feliz vou ficando. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o quanto vale a felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, não saberei nunca a que horas preparar meu coração.... É preciso haver um ritual.*

Na espera alegre e confiante, sentimos a presença da pessoa antes da sua chegada; essa espera nos prepara para a intensidade do encontro. A raposa nos ensina da importância dos rituais e, para que a vida tenha graça e equilíbrio, é importante alternar os dias de trabalho com aqueles dias especiais, para o descanso e celebração.

— *O que é um ritual? Pergunta o Pequeno Príncipe.*

— *É outra coisa também muito esquecida. É o que faz com que um dia seja diferente do outro, uma hora, diferente das outras horas. Os meus caçadores, por exemplo, possuem seus rituais, nas quintas-feiras, dançam com as moças da aldeia. Por essa razão, acho as quintas-feiras um dia maravilhoso. Posso ir até a vinha passear. Se os caçadores dançassem em qualquer dia, todos os dias seriam iguais, e eu nunca teria um dia de despreocupação e descanso.*

O Pequeno Príncipe aprende com a raposa como se preparar para um encontro genuíno, mas o seu aprendizado, com essa raposa tão especial, terá ainda uma segunda parte, tão importante quanto a primeira.

E foi assim o Pequeno Príncipe cativou a raposa. Mas quando chegou a hora da partida, ela disse:

— *Ah... eu vou chorar.*

— *A culpa é tua – disse o principezinho. — Eu não queria lhe fazer mal. Mas tu quiseste que eu te cativasse...*

— *Foi... – disse a raposa.*

— *Mas tu vais chorar – disse o principezinho.*

— *Vou – disse a raposa.*

— *Então, não ganhastes nada com isso.*

— *Ganhei sim – disse a raposa – graças à cor do trigo.*

Depois ela acrescentou:

— *Vá rever as rosas. Tu compreenderás que a tua é a única no mundo. Tu voltarás para me dizer adeus, e eu te darei de presente um segredo.*

A raposa tem a parte mais ativa nesse encontro, pois conhece a arte de cativar, e sabe o valor disso, mesmo sabendo do sofrimento que há na separação. Ela aconselha ao Pequeno Príncipe a rever as rosas e, depois, volte para despedir-se dela, e ela lhe contará um segredo.

O Pequeno Príncipe foi rever as rosas.

E ao revê-las, descobre que elas não são iguais à sua rosa e, para ele, elas não significam nada, pois não o tinham cativado e ele não as cativou. Aquelas rosas eram, para ele, igual a cem mil outras.

E voltou onde estava a raposa:

— *Adeus – disse ele.*

— *Adeus – disse a raposa – Eis o segredo que prometi revelar-te. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.*

— *O essencial é invisível aos olhos* – repetiu o Pequeno Príncipe, para não se esquecer.

— *Foi o tempo que passaste com tua rosa, que a tornou tão importante.*

— *Foi o tempo que passei com minha rosa...* – repetiu o Pequeno Príncipe para não se esquecer.

— *Os homens esqueceram essa verdade* – disse a raposa. — *Mas tu não deves esquecê-la. Tu és eternamente responsável por aquilo que cativas. És responsável por tua rosa...*

— *Eu sou responsável por minha rosa...* – repetiu ele para não se esquecer.

A raposa ensina ao Pequeno Príncipe a arte de cativar e essa experiência o prepara tanto para o amor, como para a dor da despedida. Ela sabe que há um “ganho” na separação, pois o que foi vivido, ganha mais intensidade ao retornar como lembrança.

Parte III – A fonte e a despedida

Após despedir-se da raposa, o Pequeno Príncipe vê trens iluminados, indo e vindo e fica curioso, se apresenta então ao manobreiro que parecia ser o responsável por controlar toda aquela movimentação.

— *Bom dia* – disse o Pequeno Príncipe.

— *Bom dia* – disse o manobreiro.

— *O que você faz aqui?* Perguntou o Pequeno Príncipe.

— *Eu reparto os viajantes em grupos de mil* – disse o manobreiro. — *Decido que trem os conduzirá, se é o da direita ou o da esquerda.*

E um trem iluminado, que passou estrondando como um trovão, fez estremecer a cabine do manobreiro.

— *Parecem muito apressados* – disse o Pequeno Príncipe. — *Estão atrás de quê?*

— *Nem mesmo o homem da locomotiva sabe* – disse o manobreiro.

Vindo em sentido contrário, outro trem apita e passa iluminado.

— *Já estão de volta?* Perguntou o Pequeno Príncipe.

— *Não são os mesmos,* disse o manobreiro. *É uma troca.*

— *Não estavam satisfeitos onde estavam?*

— *Nunca estamos satisfeitos onde estamos,* disse o manobreiro.

E então soou o apito de um terceiro trem, que passou num estrondo.

— *Estão correndo atrás dos primeiros viajantes?* Perguntou o príncipezinho.

— *Não correm atrás de nada,* disse o manobreiro. *Estão dormindo lá dentro, ou bocejando. Apenas as crianças apertam seus narizes contra o vidro das janelas.*

— *Só as crianças sabem o que querem* – disse o príncipezinho. *Passam seu tempo com uma boneca de trapo e isso a torna tão importante que, se alguém a toma, elas choram.*

— *Elas é que são felizes* – disse o manobreiro.

O manobreiro diz ao Pequeno Príncipe que as pessoas nunca estão contentes onde estão, porque nunca estão de fato onde estão. O descontentamento não decorre necessariamente em razão do lugar, mas sim do fato de as pessoas geralmente não estarem presentes de corpo e alma no lugar onde estão. Quando alguém está com muita pressa, não dá tempo às pessoas ou às coisas de se manifestarem, daí nasce a insatisfação e a tristeza. Nesse capítulo, novamente aparece o “mito da criança feliz” na conversa entre o príncipezinho e o manobreiro, em que está retratada uma visão romantizada da infância, como um período em que as crianças brincam, são muito felizes e sabem o que procuram. Sabemos que, na verdade, as crianças só irão compreender de fato as experiências da infância quando adultas, ao reviverem esses momentos através da lembrança.

E foi no oitavo dia após pane no deserto, quando acabou toda a reserva de água, que o aviador se sentiu assustado e com medo da morte. O Pequeno Príncipe tentava lhe falar da raposa e da importância da amizade, mas a iminência do perigo impedia o aviador de pensar em qualquer outra coisa que não fosse reparar o motor de seu avião e buscar mais água. O príncipezinho então propõe:

— Tenho sede também... procuremos um poço...

Eu tive uma reação de desânimo: não faz sentido sair buscando poços ao acaso, na imensidão do deserto. Mas, mesmo assim, colocamo-nos a caminho. Já tínhamos andado horas em silêncio quando a noite caiu e as estrelas começaram a brilhar. Eu as apreciava como num sonho, porque a sede me tornara febril. As palavras do Pequeno Príncipe ressoavam na minha memória.

Sem saber para onde ir, os dois se colocam a caminho, porque acreditam que mesmo no deserto sempre há um poço de água a ser encontrado, e procuram juntos esse poço: eles têm sede, sentem falta de algo e é essa falta que os faz continuar procurando.

Depois de andarmos durante horas, em silêncio, caiu a noite, as estrelas começaram a brilhar. Eu as contemplava como em sonho, estando um pouco febril devido à sede que sentia. As palavras do Pequeno Príncipe ressoavam em minha memória.

— A água pode também fazer bem ao coração.

Não compreendi o que queria dizer, mas me calei. Sabia que era perda de tempo interrogá-lo.

Ele estava cansado. Sentou-se. Sentei-me junto dele. Depois de um tempo em silêncio, ele falou:

— As estrelas são belas por causa de uma flor que não se pode ver.

Respondi:

— É verdade – e, sem dizer nada, olhava as ondulações da areia sob o luar.

— O deserto é belo — acrescentou...

E era verdade. Eu sempre amei o deserto. A gente se sente numa duna de areia. Não vê nada. Não escuta nada. De repente, alguma coisa irradia no silêncio...

— O que torna belo o deserto — disse o principezinho — é que ele esconde um poço em algum lugar.

Fiquei surpreso por compreender de repente essa misteriosa irradiação da areia. Quando eu era pequeno, morava numa casa antiga, e diziam as lendas que ali fora enterrado um tesouro. Ninguém jamais conseguiu descobri-lo, nem talvez o tenha procurado. Mas isto encantava a todos. Minha casa escondia um tesouro no fundo do seu coração...

— Sim — respondi-lhe -, quer seja a casa, as estrelas ou o deserto, o que os torna belos é invisível! ”.

O principezinho adormeceu, o aviador pegou-o nos braços e continuou a caminhada: “estava emocionado e tinha a impressão de carregar um frágil tesouro. ” Como nos diz Proust, “o espírito é um viajante numa região obscura procurando por algo esquecido em sua bagagem, e que não consegue lembrar o que deveria encontrar nesse lugar, ao mesmo tempo estrangeiro e próximo. ”

Depois de horas e horas caminhando sob o sol, com sede, fome, febre e com o Pequeno Príncipe nos braços, o aviador descobriu o poço “ao raiar do dia”.

Nessa procura o aviador encontrará a fonte da água e se reconciliará com a infância. Pouco a pouco, as lembranças vão emergindo em sua memória e ele vai compreendendo o verdadeiro significado do segredo que lhe revelou a raposa:

O poço a que tínhamos chegado não se parecia de forma alguma com os poços do Saara. Os poços do Saara são simples buracos na areia. Aquele parecia um poço de aldeia. Mas não havia ali aldeia alguma, e eu pensava estar sonhando.

— É estranho — disse eu ao príncipezinho. — Tudo está preparado: a roldana, o balde e a corda.

Ele riu, pegou a corda, fez girar a roldana. E a roldana gemeu como geme um velho cata-vento.

— Tu escutas? Disse o Pequeno Príncipe. — Estamos acordando o poço, ele canta...

Eu não queria que ele fizesse nenhum esforço:

— Deixa que eu puxo — disse eu. — É muito pesado para ti.

Lentamente icei o balde e, com cuidado, o coloquei na borda do poço. O canto da roldana ainda permanecia nos meus ouvidos, e na água ainda trêmula eu podia ver o reflexo do sol.

— Tenho sede dessa água — disse o príncipezinho. — Dá-me de beber. E eu compreendi o que ele havia buscado!

Levantei o balde até sua boca. Ele bebeu, de olhos fechados. Era doce como uma festa. Aquela água era muito mais que um alimento. Nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço do meu braço. Era boa para o coração, como um presente. Quando eu era pequeno, as luzes da árvore de Natal, a música da missa de meia-noite e a doçura dos sorrisos se refletiam nos presentes que ganhava.

Eles se puseram a caminho sem saber exatamente para onde estavam indo, mas, no caminhar, encontraram o que buscavam: o poço que estava escondido na profundidade de sua alma despertou na caminhada, nesta jornada que o príncipezinho e o aviador empreenderam juntos. O despertar da fonte recupera a memória de um tempo anterior, de quando era criança, e a lembrança do Natal conecta o aviador à mais longínqua infância: o nascimento do menino Jesus. Nesse reencontro entre a sensação presente e a sensação passada, ele desperta sua consciência para a vida verdadeira, enfim descoberta e tornada clara, essa vida que está presente em todos os homens, mas que só é desvendada através do esforço.

Proust, em seu livro *O Tempo Redescoberto*, reflete sobre uma “poderosa alegria” experimentada ao sentir o gosto do chá e do bolo:

“É claro que a verdade que procurava não estava nela [a bebida], mas em mim. A bebida a despertou, mas não a conhece. (...) Deponho a taça e volto-me para o espírito. É a ele que compete achar a verdade.” (p. 156)

Saint-Exupéry cumpriu bem a função do escritor de registrar a alegria de certos momentos de graça, instantes quase místicos, nos quais os diversos tempos se condensam na intensidade da sensação presente. A água não possui qualidade por si mesma – quem diria que havia tanta coisa naquela água? Ela só adquiriu aquele significado por estar ligada a essa lembrança, a uma imagem psíquica.

— Eu tinha bebido água. Respirava normalmente. A areia, ao nascer do dia, tinha cor de mel. Essa cor também me deixava feliz. Por que então me sentia triste?

— É preciso que cumpra a promessa que me fez – disse-me docemente o Pequeno Príncipe, que voltara a sentar-se perto de mim.

— Que promessa?

— Você sabe... A flocineira do meu carneiro... Eu sou responsável por aquela flor.

— Tirei do bolso os esboços de desenho. O príncipezinho os viu e disse, rindo:

— Seus baobás mais parecem repolhos.

— Oh!

— E eu que estava tão orgulhoso de meus baobás!

— Sua raposa... as orelhas dela... parecem mais com chifres... e são compridas demais!

E riu de novo.

— Você é injusto, meu rapaz, tudo o que eu sabia desenhar eram jiboias fechadas e jiboias abertas.

— Ah, não tem importância. As crianças entendem.

Desenhei então uma flocinheira, mas ao entregá-la senti um aperto no coração.

— Você tem planos que ignoro.

Mas ele não me respondeu. Disse:

— Lembra de minha chegada à Terra? Faz aniversário amanhã.

E depois de um silêncio, prosseguiu:

— Caí bem perto daqui...

E enrubescou.

E de novo, sem saber por quê, senti uma estranha tristeza.

E perguntei:

— Então não foi por acaso que você vagava sem rumo, na manhã que o encontrei, oito dias atrás, há mil quilômetros de qual região habitada! Você estava voltando ao local onde chegara.

O Pequeno Príncipe enrubescou de novo.

E acrescentei, hesitante:

— Por causa talvez do aniversário?

O Pequeno Príncipe ficou mais vermelho ainda. Não respondia nunca às perguntas, mas a gente enrubescer é como se dissesse ‘sim’, não é verdade?

— Ah – disse-lhe eu –, tenho medo.

Mas ele me respondeu:

— Você agora deve ir trabalhar. Deve ir cuidar de seu avião. Eu espero você aqui. Volte amanhã à noite.

— Mas aquilo não me deixou tranquilo. Lembrei da raposa. Corremos o risco de chorar um pouco quando nos deixamos cativar...

Depois de terem bebido da água da fonte, o aviador e o Pequeno Príncipe estão preparados para um outro ritual de passagem, o da separação. Apesar de ter bebido da água do poço e contemplado a beleza do amanhecer no deserto, o aviador estava triste, porque era hora de o príncipezinho voltar ao seu planeta.

Havia ao lado do poço um velho muro de pedra em ruína. Quando voltei do trabalho, ao entardecer do dia seguinte, percebi de longe meu Pequeno Príncipe sentado no alto do muro, balançando as pernas. E ouvi o que ele dizia:

— *Então, você não se lembra? Perguntou ele. Não é exatamente aqui?*

Outra voz, sem dúvida, lhe respondeu, uma vez que ele replicou:

— *Sim! Sim! O dia, sem dúvida, foi esse, mas não o lugar.*

Neste momento, o principezinho vai à procura da serpente, a mesma que encontrara em sua chegada à Terra. Interessante observar que a serpente aparece em três momentos centrais da história: na infância do aviador, quando ela o deixa muito assustado com medo da morte; na chegada do principezinho à Terra, onde não desperta nele nenhum temor; e agora, no momento em ele pede sua ajuda para poder retornar ao seu planeta.

Segui caminhando na direção do muro. Não via nem ouvia ninguém, além dele. No entanto, o Pequeno Príncipe falava de novo:

— *Sem dúvida alguma. Você verá onde começam as marcas de meus pés na areia. Vai ter só que me esperar. Estarei lá esta noite. Eu estava vinte metros do muro e continuava sem ver ninguém.*

“Parei, o coração apertado, ainda sem compreender nada.

— *Agora, vai-te embora... — disse ele —. Eu quero descer!*

Baixei então os olhos até o pé do muro e dei um salto! Lá estava, erguida para o principezinho, uma dessas serpentes amarelas que nos liquidam em trinta segundos. Enfiei a mão no bolso procurando o revólver e apressei o passo, mas a serpente, percebendo minha aproximação, abaixou-se para a areia, como um esguicho de água que cessa, e deslizando sem pressa se enfiou entre as pedras com um leve ruído metálico.

Cheguei ao muro a tempo de segurar nos braços o meu caro príncipe, pálido como neve.

— *Que história é essa? Tu conversas agora com as serpentes?*

Afrouxei o nó do lenço dourado que ele sempre usava no pescoço. Molhei sua testa. Dei-lhe de beber. E agora não ousava perguntar-lhe mais nada. Olhou-me seriamente e abraçou o meu pescoço. Sentia o seu coração bater de encontro ao meu, como o de um pássaro morrendo, atingido por um tiro. Ele me disse:

— Estou contente de teres consertado o defeito da tua máquina. Vais poder voltar para casa...

— Como soubeste?

Eu vinha justamente avisar-lhe que, contra toda expectativa, havia conseguido realizar o conserto!

Ele não respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:

— Eu também volto hoje para casa...

Depois, acrescentou melancólico:

— É bem mais longe... e bem mais difícil.

Eu sentia que algo extraordinário se passava. Apertei-o em meus braços como a um menininho e, no entanto, parecia que ele despencava verticalmente num abismo, sem que eu nada pudesse fazer para impedi-lo.

Seu olhar era grave, perdido na distância:

— Tenho o carneiro que você me deu. E a caixa para ele. E tenho a focinheira...

Ele sorriu com tristeza. Esperei um bom tempo. Sentia que aos poucos ele se reaquecia.

— Meu menino, tu tiveste medo...

É claro que tivera. Mas ele sorriu docemente.

— Terei mais medo ainda esta noite...

De novo me senti gelado pela sensação do irreparável. E compreendi que não suportaria a ideia de nunca mais ouvir aquele riso. Para mim, era como uma fonte no deserto.

— Meu amigo, quero voltar a ouvir seu riso...

Mas ele me disse:

— Fará um ano esta noite. Minha estrela estará justamente sobre o lugar onde cheguei, no ano passado.

O avião fora consertado, e o aviador estava pronto para continuar viagem. E o Pequeno Príncipe também podia voltar para casa, mas, para isso, precisava do veneno da serpente para se libertar do pesado corpo. Exatamente um ano após ter saído de seu pequeno planeta, o príncipezinho se despede do aviador e, na tentativa de atenuar a dor da separação, pede-lhe para não ir ao local da partida. Ambos estão assustados com a separação, mas o Pequeno Príncipe sabe que chegou o momento. Como diz Rilke em Orfeu: *“todo espaço feliz é filho ou neto da separação – há um limite que precisa ser ultrapassado, com assombro, com temor, com medo, mas depois com felicidade”*.

— Meu menino, essa história de serpente, de encontro marcado, de estrela, não terá sido um pesadelo?

Mas ele não respondeu ao que eu perguntei. E disse:

— O que é importante não se vê...

— É verdade.

— É o caso da flor... Se você ama uma flor que está numa estrela, ficará feliz vendo as estrelas de noite. Todas elas aparecerão floridas.

— É verdade.

— E o mesmo vale para a água. A água, que você me deu para beber era igual a uma música, como se eu ouvisse a roldana e a corda.... Lembra como era boa?

— Lembro.

— De noite, tu olharás as estrelas. A minha é pequena demais para que possas vê-la. Mas é melhor assim, porque qualquer uma delas, será para ti a minha estrela. Terás prazer em ver todas elas.... Serão todas tuas amigas. E também te darei um presente...

Ele voltou a rir.

— Ah, meu menino, meu menino, gosto de ouvir você rindo!

— Pois esse é o presente que lhe dou.... Será como a água...

— Que quer dizer com isso?

— As pessoas veem estrelas de modo diferente. Para quem viaja, as estrelas são guias. Para outros, são apenas luzes. Para alguns outros ainda, os sábios, são problemas. Para aquele empresário, elas eram ouro. Mas todas elas se calam. Você, porém, terá estrelas como ninguém nunca as teve...

— O que está querendo dizer?

— Quando você olhar o céu à noite, eu estarei numa delas, e rindo para você. E então será como se todas elas rissem desse modo, só você terá estrelas que sabem rir!

E ele riu de novo.

— E quando estiver consolado (a gente sempre se consola), tu ficarás contente por teres me conhecido, tu serás sempre meu amigo. Terás vontade de rir comigo. E as vezes abrirás a tua janela apenas pelo simples prazer... e teus amigos ficarão espantados de te ver rir olhando o céu. Tu explicarás então: “Sim, as estrelas, elas sempre me fazem rir!” E eles te julgarão louco.

E riu de novo.

— Será como se eu houvesse dado a ti, em vez de estrelas, montes de pequenos guizos que sabem rir.

O aviador diz ao príncipezinho que “**não poderia suportar a ideia de nunca mais escutar aquele riso**” e o Pequeno Príncipe o consola criando uma forma de permanecerem na lembrança um do outro. Assim, ao olhar as estrelas, o aviador – e somente ele – ouvirá o riso do seu Pequeno Príncipe em todas elas.

No poema “Ouvir Estrelas”, de Olavo Bilac, traduz essa bela imagem:

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo

Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,

*Que, para ouvi-las muitas vezes desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...*

*E conversamos toda noite, enquanto
A via láctea, como um pálido aberto
Cintila. E, ao vir o sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.*

*Direis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”
E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas”.*

— Esta noite... eu te peço... não venha.

— Não vou te abandonar.

— Pode parecer que estarei sofrendo... que estarei morrendo. Mas é assim. Não venhas me ver. Não vale a pena.

— Não vou te abandonar.

Mas ele estava preocupado.

— Se te peço isso, é também por causa da serpente. Para que ela não te pique...

— Não vou te abandonar.

Mas uma coisa o tranquilizou.

— É verdade que elas não têm veneno para uma segunda mordida...

Naquela noite, não o vi partir. Saiu sem fazer barulho. Quando consegui alcançá-lo, ele caminhava decidido, a passos rápidos. Disse-me apenas:

— Ah! Aí estás...

E segurou minha mão. Mas preocupou-se de novo:

— *Fizeste mal. Tu sofrerás. Eu parecerei estar morto, e isso não será verdade...*

Eu me calara.

— *Tu compreendes. É muito longe. Eu não posso carregar este corpo. É muito pesado.*

Eu continuava calado.

— *Mas será como uma velha concha abandonada. Não tem nada de triste numa velha concha...*

Fiquei calado.

Ele se mostrou um pouco desanimado, mas fez ainda um esforço:

— *Vai ser lindo, sabe? Também olharei as estrelas. Todas elas serão como poços com uma roldana enferrujada. Todas as estrelas me darão de beber...*

Fiquei calado.

— *Vai ser divertido! Tu terás quinhentos milhões de guizos, eu terei quinhentos milhões de fontes...*

Ele não mais falou, porque caiu em prantos...

— *É aqui. Deixe-me dar mais um passo sozinho.*

E se sentou, porque sentia medo. Disse ainda:

— *Você sabe... minha flor... Sou responsável por ela! Ela é tão frágil! Tão ingênua. Tem só quatro espinhos para se defender do mundo...*

Eu me sentei porque não aguentava mais ficar em pé. Ele disse:

— *Pronto.... Isso é tudo...*

Ele ainda hesitou um pouco, depois se levantou. Deu um passo. Eu não conseguia nem me mexer.

Foi apenas um faiscar amarelo próximo ao seu tornozelo.

O medo da separação é superado pela sabedoria de que o essencial é invisível aos olhos e de que, na ausência, estamos presentes na lembrança. Assim como a raposa, que se lembrará do príncipezinho sempre que olhar os campos de trigo, o aviador olhará para as estrelas e recordará do seu bom amigo.

E agora já se passaram seis anos.... Eu nunca havia contado esta história. Os companheiros que me encontraram ficaram felizes ao me verem vivo. Eu estava triste, mas lhes dizia: "É o cansaço..."

Já estou mais conformado. Isto é... não inteiramente. Mas sei que ele voltou para seu planeta, porque, quando amanheceu, já não vi seu corpo. Não era um corpo pesado.... À noite, gosto de escutar as estrelas. É como ouvir quinhentos milhões de guizos...

Mas eis que ocorre uma coisa extraordinária. Ao desenhar a focinheira para o Pequeno Príncipe, esqueci de acrescentar a correia de couro! Ele não vai poder nunca prender o carneiro. E aí pergunto: "O que terá acontecido no planeta dele? O carneiro pode ter comido a flor..."

Às vezes penso: "Certamente, não! O Pequeno Príncipe guarda sua flor, todas as noites, sob a redoma, e vigia atentamente o carneiro. " E então fico feliz. E todas as estrelas sorriem docemente.

Outras vezes penso: "A gente, uma vez ou outra, se distrai, e é o bastante! Em alguma noite, ele esqueceu de pôr a flor sob a redoma ou o carneiro escapou de mansinho...". Aí os guizos se transformam em lágrimas.

Eis o grande mistério. Para vocês, que amam o Pequeno Príncipe, como para mim, todo o Universo fica diferente se em algum lugar, não se sabe onde, um carneiro que não conhecemos terá ou não comido uma rosa...

Olhe para o céu. Pergunte a ti mesmo: "O carneiro comeu ou a não comeu a flor? " E verá como tudo muda...

E nenhum adulto jamais compreenderá como isso é importante!

Nas últimas páginas do livro, o aviador desenha duas vezes a paisagem do lugar em que o príncipezinho apareceu e desapareceu na Terra. No primeiro desenho, vemos uma estrela e o príncipezinho em uma duna

de areia. O segundo desenho tem a mesma estrela e a duna, porém, o príncipezinho não está mais na paisagem, porque não precisa mais estar representado, “só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”.

O avião nos convida a buscarmos o Pequeno Príncipe, a infância que existe dentro de cada um de nós.

“Olhem atentamente essa paisagem, para que estejam certos de reconhecer-lá, se viajarem um dia pela África, através do deserto. E se passarem por ali, eu lhes peço que não tenham pressa, e esperem um pouco bem debaixo da estrela! Se, de repente, um menino vem ao encontro de vocês, se ele ri, se tem cabelos dourados, se não responde quando é perguntado, adivinharão quem ele é. Façam-me então um favor! Não me deixem tão triste: escrevam-me depressa, dizendo que ele voltou...”

REFLEXÕES

Quando menino, o avião não conseguiu deixar claro o seu medo, nenhum adulto compreendeu o que ele tentava expressar com seus desenhos. Essa dificuldade em se comunicar fez com que, ao longo de sua vida, estabelecesse apenas relações superficiais, que mantinha pela impossibilidade de ficar consigo mesmo. Ao descrever o comportamento superficial das “pessoas grandes”, na verdade, expressa a sua mágoa e a sua dificuldade de compreendê-las.

Viveu desta maneira até o dia em que uma pane em seu avião o obrigou a fazer um pouso de emergência no Deserto do Saara. O processo de ver o outro e a si próprio ocorre ao encontrar o Pequeno Príncipe. No deserto, longe de todos, entra em contato consigo mesmo e ouve a sua voz interior, inicia-se um diálogo entre o homem adulto e a criança adormecida dentro de si.

Amélia Lacombe descreve a importância desse encontro que dará início ao processo de abrir espaço interno para a criatividade e a ima-

ginação, indispensáveis para a vida: *“O Pequeno Príncipe devolve a cada um o mistério da infância. De repente retornam os sonhos. Reaparece a lembrança de questionamentos, desvelam-se incoerências acomodadas, quase já imperceptíveis na pressa do dia-a-dia. Voltam ao coração escondidas recordações. O reencontro, o homem-menino”*.

Na relação entre o aviador e o Pequeno Príncipe identificamos três momentos significativos: antes da queda do avião, quando o aviador, com sua atitude superficial, não conseguia olhar para o mundo com simpatia, vendo apenas as aparências e estereótipos; depois, o tempo de aprendizado, quando o Pequeno Príncipe encontra a raposa e aprende a criar laços e a se relacionar verdadeiramente com as outras pessoas; e o terceiro momento, em que eles aprendem a se separar, levando consigo as lembranças do que fora vivido. Como foram cativados, eles puderam viver a dor da separação e, com o tempo, tiveram uma boa lembrança do tempo que passaram juntos.

Para nós, essa é a história do percurso de um ser humano que passou da não-comunicação para a comunicação plena, ao aprender a dar significado ao mundo e sentido à sua vida. A infância representa um primeiro tempo da vida, do brincar, em que na imaginação, no fazer de conta, tudo é possível. Em certo momento, começamos a nos relacionar com o mundo externo, com os outros, e percebemos que para se relacionar verdadeiramente é preciso aprender a cativar, a criar laços. Somente após esse aprendizado estamos prontos para o encontro verdadeiro, para a comunicação plena, e também para a separação, quando for o momento oportuno. Antes do encontro com o príncipezinho, o aviador não tinha conseguido fazer a passagem de sua imaginação para a comunicação com o mundo externo. E o Pequeno Príncipe, somente após ter aprendido a arte de cativar com a raposa, pôde fazer a caminhada no deserto com o aviador; juntos beberam da água da fonte que os preparou para a despedida. A separação repre-

senta o momento em que o vivido pode ser eternizado através da lembrança – e na lembrança o passado se conecta com esse outro tempo da humanidade, da memória ancestral.

Versão do texto:
13 de dezembro de 2016

